



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE PEÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS
SOBRE A EXPRESSÃO DA MODALIDADE**

Gabriela Cristina de Souza Almeida

Rio de Janeiro
2024

A EXPRESSÃO DO SUJEITO NAS CONSTRUÇÕES DE MODALIDADE EM
PEÇAS PORTUGUESAS DOS ANOS 1840 E 1990

Gabriela Cristina de Souza Almeida

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras na habilitação
Português e Alemão.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Eugenia
Lammoglia Duarte

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

A447a

Almeida, Gabriela Cristina de Souza

UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE PEÇAS PORTUGUESAS
E BRASILEIRAS SOBRE A EXPRESSÃO DA MODALIDADE /
Gabriela Cristina de Souza Almeida. -- Rio de
Janeiro, 2024.
41 f.

Orientador: Maria Eugenia Lammoglia Duarte.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Letras, Licenciado em Letras:
Português Alemão, 2024.

1. Modalidade. 2. Sujeito. 3. Predicador verbal.
4. Predicador adjetival. 5. Verbo auxiliar. I.
Duarte, Maria Eugenia Lammoglia, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora por todo o conhecimento que me foi passado, por todos os e-mails, mensagens no *whatsapp*, enfim, por toda a paciência. Sem a senhora, com certeza eu não teria gostado tanto da academia e não teria ido para o Mestrado. Obrigada!

À minha mãe, por todas as noites mal dormidas, por ser meu despertador todos os dias às 5h, por me levar no ponto quando estava escuro, por assistir ao *Bom dia, Rio* com medo do trânsito do Rio. Sem ela e sem o seu apoio, nada disso seria possível.

Ao meu pai, por cada jogo do Fluminense juntos para desestressar, por cada piada que só a gente entende, por ter recalculado toda a sua trajetória por minha causa, mesmo depois de velho. Você é um paizão, mesmo que não goste muito de ser sentimental.

Aos meus amigos da graduação, vocês mudaram o meu dia a dia e fizeram tudo ser mais leve. Em especial, agradeço ao Breno, por todo o companheirismo e por todas as quartas-feiras em que nos aguentávamos o dia todo; à Brenda, por todas as fofocas das aulas da tarde; à Isabella, por toda a parceria, por todos os ônibus de terças e quintas, por todas as mensagens (sempre são “amiga, me faz um favor?”), por todas as bobagens que a gente fala; à Déborah, por ser a amiga mais leal e sincera que eu já tive, além de uma grande conselheira; à Fernanda, por ter dividido comigo a orientadora, as risadas e os problemas da Monografia e do Projeto de Mestrado; à Beatriz, por ter me aguentado em dias que nem eu mesma me aguentava; ao Eduardo, por ter me ajudado muito no processo de uso do programa estatístico, além de contar sempre boas fofocas; e, por fim, ao Gabriel, por ser meu parceiro de vida, me entender mais do que ninguém e ser aquele para quem eu sempre vou correndo contar um problema ou uma felicidade. Amo todos vocês.

Aos meus professores da vida, que me influenciaram a seguir o caminho que eu trilho. À Kelly Giri, responsável pelo meu amor por Língua Portuguesa desde 2015; à Camille Watanabe, que, em todo o Ensino Médio, me deu muito suporte. Agradeço a companhia até hoje, por estarem sempre comigo.

A todos os meus familiares que acompanharam a minha jornada e contribuíram para ela de alguma forma. Vocês são muito, mas muito importantes.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram presentes na minha vida, me fortalecendo. Todos vocês têm um peso e um lugar especial na minha vida.

RESUMO

UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE PEÇAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS SOBRE A EXPRESSÃO DA MODALIDADE

Gabriela Cristina de Souza Almeida

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Nosso objetivo é iniciar uma análise contrastiva Português Europeu (PE) – Português Brasileiro (PB) sobre a expressão da Modalidade e a realização do sujeito de peças portuguesas escritas em dois períodos, separados por 150 anos, e comparar os resultados com os obtidos por Evelin A. Augusto (2015) para peças brasileiras, escritas nos mesmos períodos. Os contextos analisados serão os predicadores verbais e adjetivais com valor modal, que selecionam um argumento oracional, que permitem um sujeito expletivo nulo, e as locuções verbais com auxiliares que expressem modalidade. Nosso embasamento teórico consiste na união da Teoria de Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1967]) com a Teoria Gerativa (Chomsky, 1981), que apresenta as descrições gramaticais dos dois fenômenos. Nossa principal hipótese consiste em encontrar um PE estável nas duas sincronias, tanto com uma distribuição regular de predicados verbais e adjetivais (com um sujeito expletivo nulo) e de construções com auxiliares, quanto no que se refere à preferência pelo sujeito referencial nulo. Levando em conta a análise de Augusto para o PB, nossos resultados convergem na preferência por locuções verbais, o que não confirma nossa primeira hipótese, uma vez que esperávamos do PE um uso mais regular de predicadores verbais e adjetivais (com sujeitos expletivos nulos) além de auxiliares; quanto à nossa hipótese se confirma: o PE e o PB dos anos 1840 estão muito próximos, com a preferência pelos sujeitos nulos, resultado da pressão normativa no Brasil ao longo do século XIX; nos anos 1990, porém, vemos a gramática do PB, com índices elevados de sujeitos pronominais expressos, enquanto o PE se mantém como uma gramática [+Sujeito Nulo].

Palavras-chave: Português Brasileiro. Português Europeu. Modalidade. Sujeito. Verbos auxiliares, predicadores verbais e predicadores adjetivais.

ABSTRACT

A CONTRASTIVE ANALYSIS BETWEEN PORTUGUESE AND BRAZILIAN PLAYS ON THE EXPRESSION OF MODALITY

Gabriela Cristina de Souza Almeida

Orientadora: Professora Doutora Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Our goal is to start a contrastive European Portuguese (EP) - Brazilian Portuguese (BP) analysis on the expression of Modality and the realization of the subject, based on Portuguese theatre plays written in two periods of time (*circa* 1840 and *circa* 1990), separated by 150 years, and to compare our results with those obtained by Evelin A. Augusto (2015) for Brazilian plays, written in the same periods. The contexts analyzed will be modal verbal and adjectival predicates, which select a clausal argument, and complex verb structures with modal auxiliaries. Our theoretical basis is the union of the Theory of Language Variation and Change (Weinreich, Labov and Herzog, 2006 [1967]) and the Generative Theory (Chomsky, 1981), from which our grammatical description of both phenomena come. Our main hypothesis is to find a stable European Portuguese (EP) in the two synchronies, not only in the choice of strategies to express modality but in the preference for null subjects. Taking in account the comparison with Augusto's analysis for Brazilian Portuguese (BP), our results converge in the preference for modal auxiliaries, which does not confirm our first hypothesis, since we expected from EP a more regular use of verbal, adjectival predicates (with null expletive subjects) and auxiliaries; as for the realization of the referential subjects, our second hypothesis is confirmed: EP and BP of the 1840s are very close, with high rates of null subjects, as a consequence of the normative pressure in Brazil along the 19th century; in the 1990s, however, we see the grammar of BP, with high rates of overt pronominal subjects, whereas EP conserves its status of a [+Null Subject] grammar.

Keywords: Brazilian Portuguese. European Portuguese. Modality. Subject. Auxiliary verbs, verbal predicates and adjectival predicates

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	10
1.1. Os problemas propostos pela TVM	10
1.2. O modelo teórico dos Princípios e Parâmetros	11
1.3. A categoria da expressão da Modalidade	12
2. METODOLOGIA.....	14
2.1. A amostra.....	14
2.2. Grupos de fatores.....	15
2.3. Refinando objetivos e hipóteses	16
3. ANÁLISE	17
3.1. O uso das estratégias de modo geral.....	17
3.2. Estratégias para a expressão da modalidade epistêmica.....	19
3.2.1. Os predicadores verbais para a expressão da modalidade epistêmica.....	21
3.2.2. Os predicadores adjetivais para a expressão da modalidade epistêmica	23
3.2.3. Os auxiliares para a expressão da modalidade epistêmica	24
3.3. Estratégias para a expressão da modalidade não-epistêmica.....	28
3.3.1. Os predicadores verbais para a expressão da modalidade não-epistêmica.....	30
3.3.2. Os predicadores adjetivais para a expressão da modalidade não-epistêmica.....	31
3.3.3. Os auxiliares para a expressão da modalidade não-epistêmica	32
3.4. Sobre a realização dos sujeitos referenciais	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Peças portuguesas e brasileiras analisadas.....	14
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1a: Formas de expressão da modalidade epistêmica e não-epistêmica no PE	17
Tabela 1b: Formas de expressão da modalidade epistêmica e não-epistêmica no PB na Dissertação de Mestrado de Augusto (2015, tabela 2, p. 55 e tabela 11, p. 78).....	17
Tabela 2a - Estratégias para a expressão da modalidade epistêmica no PE:	20
Tabela 2b: Estratégias para a expressão da modalidade epistêmica no PB (Augusto, 2015, p. 55).....	20
Tabela 3: Predicadores verbais para a expressão da modalidade epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 58).....	21
Tabela 4: Predicadores adjetivais para a expressão da modalidade epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 60).....	23
Tabela 5: Os auxiliares na expressão da modalidade epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p 62)	25
Tabela 6: Sujeitos indeterminados e de referência definida de locuções verbais no PE e no PB (Augusto, 2015, p.65) - Modalidade Epistêmica.....	28
Tabela 7a: Estratégias para a expressão da modalidade não-epistêmica no PE.....	28
Tabela 7b: Estratégias de expressão da modalidade não-epistêmica no PB (Augusto, 2015, p. 78).....	29
Tabela 8: Predicadores adjetivais para a expressão da modalidade não-epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 81).....	31
Tabela 9: Os auxiliares na expressão da modalidade não-epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 84)	32
Tabela 10: Tipo de referência do sujeito no PE e no PB (Augusto, 2015, p.86) – Modalidade Não-epistêmica	35
Tabela 11: Formas de realização dos sujeitos referenciais no PE e no PB (Augusto, 2015, p. 70) - modalidade epistêmica e não epistêmica	37

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, objetivamos fazer uma análise contrastiva entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB) sobre algumas construções que veiculam-Modalidade, tendo como ponto de partida a Dissertação de Mestrado de Augusto (2015). Nela, a autora analisa as construções de Modalidade no PB, a partir de peças brasileiras de comédia, por serem textos leves e mais propícios a uma linguagem mais espontânea, escritas entre 1840 e 1990, distribuídas em 7 períodos. Do mesmo modo, nessa Monografia será feita uma análise de peças portuguesas do mesmo gênero, escritas nos dois períodos-limite da amostra usada por Augusto - anos 1840 e 1990, separados por 150 anos, para estabelecer uma análise contrastiva inicial, que será ampliada posteriormente, na nossa Dissertação de Mestrado.

É importante dizer que a conceituação de Modalidade é extremamente complexa, e depende “da concepção lógica (filosófica ou matemática) ou linguística que se escolher” (Oliveira, 2003, p. 245). No entanto, a partir das Teorias Linguísticas contemporâneas, compreendemos a Modalidade como uma categoria da gramática utilizada para expressar “atitudes e opiniões dos falantes ou das entidades referidas pelo sujeito” (Oliveira; Mendes, 2013, p. 623). Além de uma abrangência semântica complexa, as estratégias de construção de Modalidade também são amplas, e podem ocorrer por meio de advérbios, adjetivos, predicados adjetivais e verbais e verbos auxiliares. Nesse trabalho, concentramos nossa pesquisa em alguns predicados adjetivais, verbais e verbos auxiliares. Isso porque a nossa principal hipótese associa a escolha da estratégia de Modalidade e a realização do sujeito e, assim, focalizamos predicadores verbais que projetam uma estrutura com um expletivo nulo na posição estrutural de sujeito e selecionam um argumento oracional posposto, como *convir* e *urgir*, além de expressões como “ser de” e um verbo, como *É de surpreender*, que corresponderiam a *surpreende* [que....]. Dessa forma, também nos interessam predicadores adjetivais como *possível*, *surpreendente*, *conveniente*, etc, com projeções semelhantes aos predicadores verbais. Além dessas formas, interessam também a este trabalho os verbos auxiliares modais, que entrarão em relação de concordância com os sujeitos pessoais (expressos por SN ou pronome) ou indeterminados, ou mesmo impessoais (representados por um expletivo), a depender da seleção feita pelo verbo principal que estão ligados.

Assim, na seção 1, explicaremos o nosso arcabouço teórico, que se trata da associação da Teoria de Variação e Mudança (TVM) (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) com a Teoria Gerativa, mais especificamente a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981).

Na mesma seção, trataremos do componente gramatical, a expressão da modalidade, sem o qual não podemos levar adiante o estudo da mudança nos moldes da TVM que é, como o nome indica, um modelo para o estudo da mudança, mas não uma teoria gramatical. Na seção 2, explicaremos a metodologia do trabalho, que inclui a descrição do *corpus* utilizado, os grupos de fatores construídos a partir do arcabouço teórico e nossas hipóteses de trabalho. A seção 3 é dedicada à análise contrastiva entre o PE e o PB. Nas considerações finais, trataremos do que sugerem os resultados e do prosseguimento do trabalho.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No presente trabalho, utilizaremos como arcabouço teórico a Teoria de Variação e Mudança – TVM (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) em comunhão com a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), com foco no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). A TVM, formalmente apresentada durante o Congresso de Linguística Histórica, realizado na Universidade do Texas em 1966, e publicada em 1968, no volume dos trabalhos apresentados no evento como um capítulo, reconhece que a língua está em constante mudança e apresenta os problemas ou perguntas para os quais o pesquisador deve buscar respostas no estudo de um determinado fenômeno em mudança. No entanto, esse modelo teórico não é uma teoria gramatical e, desse modo, torna-se necessário buscar uma Teoria Linguística que apresente a descrição do fenômeno que será estudado. No nosso caso, a Teoria Gerativa é o componente que apresentará a descrição da expressão da Modalidade, uma vez que a maioria dos autores que tratam dessa categoria, introduzida a partir do desenvolvimento da Linguística, utilizam essa teoria, além de apresentar as características do Parâmetro do Sujeito Nulo, que nos permitirão comparar o comportamento do sujeito no PE e no PB.

1.1. Os problemas propostos pela TVM

O modelo teórico proposto pela TVM rompe com o pensamento dicotômico entre a sincronia e a diacronia, já que afirma que a língua está em constante mudança. Para o estudo dessa mudança, os autores propõem cinco problemas para os quais os pesquisadores precisam buscar respostas:

a) o problema da restrição, no qual buscamos entender se há contextos que favorecem o uso de uma estrutura em detrimento da outra, identificando estruturas comuns ao PE e ao PB ou distintas;

- b) o problema da implementação, que investiga o início e a propagação da mudança são observados. No caso desse trabalho, podemos observar, entre o primeiro e o último período, se há o surgimento ou desaparecimento de alguma estrutura para a expressão da Modalidade, bem como o comportamento da expressão do sujeito nas duas variedades analisadas;
- c) o problema da transição, que observa a mudança das formas da expressão da Modalidade ao longo do tempo, nos ajudará a identificar se a hipótese de que o PE e o PB se diferenciam com a passagem do tempo se confirmará; na verdade, só a análise contemplando todos os períodos permitirá acompanhar os estágios da “transição”, caso ela se confirme;
- d) o problema do encaixamento, que segundo a TVM se relaciona a efeitos ou “sub-produtos” de uma mudança em curso. No caso do nosso estudo, o PE, por ser uma língua de sujeito nulo “consistente” (Roberts; Holmberg, 2010), a princípio, não rejeitará estruturas com sujeitos expletivos nulos e preferirá sujeitos referenciais nulos, ao contrário do PB, que vem se tornando uma língua de sujeito exposto, o que levaria à menor ocorrência de expletivos e a sujeitos pronominais expostos, como atesta a dissertação de Augusto (2015).
- e) o problema da avaliação, que estuda o efeito da percepção do falante – positiva ou negativa - na propagação ou no refreamento de novas variantes pelos falantes; o nosso estudo não espera investigar essa questão, uma vez que não é possível avaliar a percepção do falante em peças de teatro escritas; ainda assim, acreditamos que a fala dos personagens possa revelar reações positivas ou negativas acerca de certos traços gramaticais.

1.2. O modelo teórico de Princípios e Parâmetros

A Teoria Gerativa entende que todo indivíduo nasce capacitado a adquirir uma língua a partir de um dispositivo inato. Com a faculdade da linguagem, todos são capazes de construir uma gramática interna durante a sua infância. Nesse sentido, a aquisição da linguagem consiste na marcação de valores dos parâmetros que distinguem as línguas, a chamada Teoria de Princípios e Parâmetros, proposta em Chomsky (1981), segundo a qual os princípios são propriedades gramaticais invariáveis, inerentes a todas as línguas, e os parâmetros, com um valor positivo e um negativo, são os responsáveis pela variação entre as línguas. Entre os parâmetros, o mais conhecido e estudado é o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), que será essencial para a composição deste trabalho. Desde sua formulação, o PSN passou por inúmeras revisões, a partir da evolução de análises das diferentes línguas humanas. Permanece, entretanto, para alguns autores, a marcação binária. Entre os grupos de línguas de sujeito nulo, propostos por Roberts e Holmberg (2010), o PE é uma língua de sujeito nulo “consistente”, que

licencia sujeitos nulos graças à sua morfologia flexional rica, ou seja, é uma língua [+ Sujeito Nulo]. O PB, ao contrário, de acordo com os mesmos autores seria uma língua de sujeito nulo “parcial”, justamente por ter sofrido uma drástica redução no seu quadro flexional. Segundo Duarte (1993), o PB vem mudando para uma língua [- Sujeito Nulo], mas não pode ser comparado a outras línguas de sujeito nulo “parcial”, como mostram Duarte e Marins (2021). As autoras comparam a evolução do PB em direção a sujeitos referenciais expressos e utiliza estratégias para evitar expressivos nulos. Assim, uma evidência do encaixamento da mudança na expressão da Modalidade pode ser vista nos índices de sujeitos expressos nas estruturas com verbos auxiliares, além de baixa ocorrência expletivos nulos (em torno de 5%), como atesta Augusto (2015). enquanto no PB, em Augusto (2015), a expressão da Modalidade que utiliza essa estrutura é muito baixa (cerca de 5%). No caso do PE, em que não parecer haver mudança na marcação do PSN (Marins e Duarte, (2021)), podemos esperar a frequência de predicadores verbais e adjetivais para a expressão da Modalidade com expletivos nulos (_{0expl} *É impossível que isso seja feito*), além de sujeitos referenciais nulos.

1.3. A categoria da expressão da Modalidade

A categoria da Modalidade expressa, como dissemos, “as atitudes e opiniões do falante, ou seja, traduz as noções de possibilidade, dever, obrigação, necessidade etc.” (Duarte, 2007). Como é uma categoria que é estudada mais recentemente, no âmbito da Linguística, a gramática tradicional naturalmente não apresenta uma descrição sistematizada dessa categoria. Mas temos de reconhecer que, em Cunha e Cintra (2013 [1985], p.462), gramática normativa e descritiva mais recente, os autores não ignoram a categoria, chegando a mencioná-la: “Entende-se por MODO [...], a propriedade que o verbo tem de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”. É fato que os autores falam apenas do uso do modo verbal, ou seja, do indicativo, do subjuntivo e do imperativo, para a expressão das opiniões do falante, e não dos verbos auxiliares, dos predicadores adjetivais e dos predicadores verbais que interessam a nossa pesquisa e nem dos advérbios.

No entanto, no campo da Linguística, a descrição da expressão da Modalidade é pioneiramente feita por Lyons (1979 [1968]), em que, em seu livro *Introdução à Linguística Teórica*, fala, na categoria de modo, que permite expressar as atitudes e opiniões do falante por meio de outras estratégias, refinando o conceito de Modalidade. Assim, o autor apresenta a expressão em três escalas:

- a) de desejo ou intenção (*Te desejo boa sorte!*);
- b) de necessidade ou obrigação (*Eu tenho que fazer compras*); e
- c) de certeza ou possibilidade (*Ela deve estudar para Português*).

Posteriormente, temos Palmer (2001[1986]), que escreve especificamente sobre a Modalidade e afirma que existem muitas formas de expressá-la, como por meio de sufixos, clíticos, partículas individuais e verbos modais. O autor ainda refina a modalidade em dois tipos: a) a proposicional, dividida em epistêmica e evidencial; e b) a eventual, que se divide em deôntica e dinâmica. Aqui já é possível notar semelhanças com a descrição de Lyons, uma vez que a modalidade epistêmica e a evidencial indicam, respectivamente, a possibilidade de algo acontecer (*Ele pode estar doente*) com a evidência que há sobre o fato (*Eu vi que João pode estar doente*). Do mesmo modo, as modalidades deôntica e dinâmica se relacionam com as outras duas escalas de Lyons, pois a primeira veicula uma obrigação ou permissão (*Maria pode comprar o lanche*) e a segunda, a capacidade, habilidade ou vontade (*Mário sabe explicar Física*), um verbo pouco apresentado entre os modais.

A respeito da mais recente gramática portuguesa (Raposo et al. 2013), há um capítulo, de Oliveira e Mendes (2013, p.63), destinado à descrição da expressão da Modalidade. Elas apresentam uma classificação bastante detalhada, dividindo a Modalidade em: a) **epistêmica**, que expressa graus de certeza ou de avaliação de probabilidade pelo falante (*é provável que isso aconteça*); b) **interna ao participante**, quando o falante tem controle sobre sua necessidade (*Maria tem de cozinhar para os pais*); c) **deôntica**, que representa os atos de permissão e autorização, além das obrigações (*Ele tem que atingir a nota final para passar de ano*); d) **externa aos participantes**, quando o ocorrido não depende exclusivamente do falante (*Marina chegou atrasada devido ao trânsito*); e e) **desiderativa**, que leva em conta a vontade do falante (*Mário quer comer biscoito*). Esses diferentes valores da modalidade podem ser expressos com verbos plenos, predicadores adjetivais, verbos auxiliares e advérbios.

Tendo em conta o refinamento das propostas e as limitações desta Monografia, a classificação adotada será a de Moura Neves (2006), uma funcionalista, que, sem dúvida, parte das descrições clássicas, que compartilham as propostas apresentadas por diversos gramáticos, uma proposta escolhida por Augusto (2015). A autora, seguindo Moura Neves (2006), considera dois tipos de Modalidade: a epistêmica, que representa a possibilidade ou a crença do falante; e a não-epistêmica, que se subdivide em deôntica e dinâmica (que reúne valores apresentados pelos autores como Lyons e Palmer, citados acima). Além disso, iremos incluir sob o rótulo de “modalidade não-epistêmica” enunciados que veiculem os valores discutidos

por Oliveira e Mendes (2013), como a necessidade interna e externa do participante. Tendo em vista o objetivo do trabalho, verbos como *querer*, *achar*, que selecionam um argumento externo (experienciador), e muito frequentes, não serão computados, tal como fez Augusto (2015).

2. METODOLOGIA

Com esse quadro teórico e a partir de Duarte (1993) e trabalhos subsequentes, com uma amostra de peças cariocas distribuídas em sete períodos entre os séculos XIX e XX, que trazem evidências de que o PB é uma língua que está remarcando o valor do Parâmetro do Sujeito Nulo, ou seja, ele está passando de uma língua [+ Sujeito Nulo] para uma língua [- Sujeito Nulo], nossa principal hipótese para esta Monografia é encontrar, no PE, em apenas duas amostras do primeiro e do último período mencionados na Introdução, indícios de uma gramática estável, que se distingue da gramática do PB. Esperamos mostrar uma diferença que outras dissertações e teses que já mostraram em análises sobre diferentes fenômenos sintáticos comparando peças do PE e do PB.

2.1. A amostra

Nossa análise utiliza, como *corpus*, peças portuguesas escritas na década de 1840 e na década de 1990, que são o primeiro e o último período da divisão da amostra utilizada por Augusto (2015). É importante mencionar que elas são comédias e, por terem caráter predominantemente popular, ainda que sejam textos escritos, acreditamos que explicitem a espontaneidade da fala popular portuguesa, fato que é primordial para o nosso estudo. Os anos de escrita das peças que compõem a amostra portuguesa e a amostra brasileira são próximos, para que assim possamos estabelecer uma comparação. Nossa amostra está disponível na Faculdade de Letras (Sala D-23) da UFRJ. O Quadro 1 a seguir mostra as peças analisadas e seus autores, bem como as peças brasileiras analisadas por Augusto (2015), que serão objeto de nosso estudo contrastivo.

Quadro 1 - Peças portuguesas e brasileiras analisadas

Peças Portuguesas	
Anos 1840	Anos 1990
Uma cena de nossos dias (Paulo Midosi, 1843)	A vingança de Antero ou a boda deslumbrante (Luísa Costa Gomes, 1996)

Casar ou meter freira (Antônio Pedro de Mendonça, 1848)	
Peças Brasileiras (Augusto, 2015)	
O noviço (Martins Pena, 1845)	No coração do Brasil (Miguel Falabella, 1992)
Quem casa, quer casa (Martins Pena, 1845)	Como encher um biquíni selvagem (Miguel Falabella, 1992)
O Judas em sábado de aleluia (Martins Pena, 1846)	

É importante mencionar que esperamos uma proximidade notável entre o PE e o PB no primeiro período, como já foi atestado na análise contrastiva de Mourão (2015), que utiliza a análise de Duarte (1993) para as peças brasileiras e compara seus resultados com as peças portuguesas acerca da expressão dos sujeitos pronominais. Os autores das peças cariocas dos primeiros períodos analisados por Augusto (2015) eram de classes sociais mais abastadas e estudavam em Coimbra ou em centros acadêmicos acessíveis apenas à elite da sociedade. Segundo Houaiss (1988 [1985]), no início do século XIX, apenas 0,5% da população do Brasil era alfabetizada, ou seja, o acesso à educação formal era restrito a uma mínima parcela da população. Inúmeras análises contrastivas com base nessas amostras confirmam a semelhança dos resultados para o PE e o PB. Os autores brasileiros tentavam aproximar sua escrita da norma considerada superior, ou seja, a norma europeia. Apenas a partir da segunda metade do século XX, o PB, fruto de mais de 300 anos de contato com os africanos escravizados e seus descendentes, que contribuíram para a formação da variedade brasileira, que além de conservar traços do português que aqui chegou, os autores brasileiros começam a mostrar seus traços inovadores do PB, afastando-se da gramática do PE. O PE moderno também seguiu seu curso e suas mudanças, particularmente em relação ao sistema das vogais átonas, à fixação da ordem dos clíticos, ao uso obrigatório do artigo diante do possessivo, entre outros traços, mas, os resultados estudados até aqui demonstram que o português europeu tem uma gramática estável no que diz respeito ao paradigma pronominal e à preferência pelo sujeito nulo.

2.2. Grupos de fatores

Os dados serão codificados de acordo com a metodologia da TVM (Oliveira e Silva, 2003; Scherre e Naro, 2003), com base em um grupo de fatores elaborado a partir do formado

com a influência do grupo de fatores levantado por Augusto (2015) e os demais autores aqui mencionados na seção 1. Assim, levamos em conta: 1) o tipo de modalidade, ou seja, epistêmica ou não-epistêmica; 2) o tipo de estrutura utilizado para expressar a modalidade, seja por meio de predicadores verbais, como *convir* e *urgir*, ou predicadores adjetivais, em estruturas com ser + adjetivo, como *é possível* e *é necessário*, seja por verbos auxiliares, como *poder* e *ter que*, 3) o tipo de referência do sujeito, que pode ser um sujeito expletivo (sem referência), de referência definida ou arbitrária ou genérica; no caso dos definidos, distinguimos os sujeitos lexicais e os pronominais e, no caso de sujeitos de referência arbitrária, analisamos a sua representação nula ou expressa, seguindo Marins *et alii* (2017); 4) a possibilidade de alçamento de um constituinte da oração encaixada, como *um carro novo é impossível de comprar*, ou do próprio sujeito oracional posposto, como em *passar pelas ruas à noite é impossível*, evitando um expletivo nulo; 5) qual é a forma de expressão dos sujeitos definidos ou arbitrários, isto é, se são nulos ou expressos; 6) por último, o período de tempo das peças analisadas: anos 1840 e aos 1990. Os dados obtidos para as peças portuguesas serão codificados de acordo com os grupos de fatores supracitados, utilizando algumas ferramentas do programa logístico Goldvarb-X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005), como a distribuição dos dados e os necessários cruzamentos. Como nosso interesse está nas estratégias de dois tipos de modalidade, não estamos considerando que se trata de uma regra variável. Na continuação do trabalho, os dois tipos serão submetidos a rodadas separadas para uma análise mais minuciosa da expressão do sujeito.

2.3. Refinando objetivos e hipóteses

A partir do que foi dito nessa Monografia, nosso objetivo é iniciar uma análise contrastiva PE-PB, sobre a expressão da modalidade e a realização do sujeito, a partir da análise de Augusto (2015). Nossa principal hipótese consiste em encontrar um PE estável nas duas sincronias que serão analisadas tanto nas estratégias para a representação da modalidade quanto na preferência por sujeitos nulos. A partir da análise contrastiva, e justificado pelo fato de as mudanças inovadoras do PB em relação ao PE estarem mais explícitas apenas a partir de 1950, graças aos fatores sócio-históricos mencionados nesta Monografia, esperamos que o último período do PE e do PB se distanciarão na expressão do sujeito, confirmando que o PE é uma língua de sujeito nulo consistente, enquanto o PB passa por uma mudança em curso na remarcação do PSN (Marins e Duarte, 2021). Nossas principais perguntas, portanto, são: 1) o PE e o PB se diferenciarão, na última sincronia, nas escolhas das estratégias da expressão da

modalidade, especialmente no que diz respeito à escolha dos predicadores verbais e à escolha dos auxiliares? 2) O PE e o PB se diferenciarão na representação do sujeito referencial nulo ou expresso nos anos 1990?

3. ANÁLISE

Nessa seção, apresentaremos a análise dos resultados obtidos, sempre em comparação com os de Augusto (2015), iniciando pelos resultados gerais e, em seguida refinando a análise por tipo de modalidade, seguindo os grupos de fatores elencados. Por fim, faremos algumas considerações que esta monografia permite, tendo em conta o fato de que se trata de um trabalho inicial.

3.1. O uso das estratégias de modo geral

Para essa análise piloto, que será aprofundada em minha Dissertação de Mestrado, foram coletados, do nosso *corpus* de peças portuguesas, 217 dados, 113 no primeiro período e 104 no último período. Nesse caso, é preciso enfatizar que, se conseguimos equilibrar o número de dados do PE em cada período, não conseguimos nos igualar ao número de dados recolhidos por Augusto (2015), o que será feito na continuação do trabalho. Sabemos que uma comparação mais precisa deverá incluir, no futuro, mais peças, uma vez que Augusto (2015) computou 400 dados, sendo 162 correspondentes ao primeiro período e 238 ao último. A distribuição dos dados pode ser vista nas tabelas abaixo:

Tabela 1a - Formas de expressão da modalidade epistêmica e não-epistêmica no PE

Estruturas	PE		
	Anos 1840	Anos 1990	Total
Predicadores verbais	8 (7,1%)	2 (1,9%)	10 (4,6%)
Predicadores adjetivais	12 (10,6%)	8 (7,7%)	20 (9,2%)
Locuções Verbais	93 (82,3%)	94 (90,4%)	187 (86,2%)
Total	113 (100%)	104 (100%)	217 (100%)

Tabela 1b - Formas de expressão da modalidade epistêmica e não-epistêmica no PB na
Dissertação de Mestrado de Augusto (2015, tabela 2, p. 55 e tabela 11, p. 78)

Estruturas	PB		
	Anos 1840	Anos 1990	Total
Predicadores verbais	8 (4,9%)	15 (6,3%)	23 (5,8%)
Predicadores adjetivais	28 (17,3%)	4 (1,7%)	32 (8%)
Locuções Verbais	126 (77,8%)	219 (92%)	345 (86,2%)
Total	162 (100%)	238 (100%)	400 (100%)

A tabela 1a mostra que, nos dois momentos analisados para o PE, as estratégias definidas por esta pesquisa exibem a mesma hierarquia, com os verbos auxiliares liderando a preferência com amplo percentual, seguidos dos predicadores adjetivais e, finalmente os verbais, com os mais baixos índices.

Quanto ao PB, os resultados de Augusto para os dois momentos mostram a mesma preferência pelos auxiliares, mas os predicadores adjetivais superam os verbais na primeira sincronia enquanto os verbais os superam na segunda. Ainda assim, trata-se de números bem baixos de ocorrências em ambas as variedades, com destaque para os predicadores adjetivais na primeira sincronia do PB.

Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, os três tipos de estratégias para a expressão da modalidade no PE e no PB, ou seja, os **predicadores verbais** (1 a, b), os **predicadores adjetivais** (2 a, b) e os **verbos auxiliares modais** (3 a, b), nas duas variedades nos anos 1840, sem distinguir o tipo de Modalidade:

- (1) a. O Conselheiro: Pois frequentando V. Ex.^a! Admira! \emptyset_{expl} **Basta** [ouvi-la e fica-se mestre]. (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. Carlos: Tia, \emptyset_{expl} **basta** [que saiba que era uma comédia]. E antes de principiar o ensaio o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade. Não é verdade, tio? (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015) p. 57)

- (2) a. Ambrósio: Senhora, senhora! Aqui estou: chego de um recado de meu amo, e não \emptyset_{expl} era **possível** [responder ao toque da campainha]. Vossas senhorias com um só criado! Querem que ele esteja em toda a parte. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Pimenta: Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dois guardas atrás dele, e \emptyset_{expl} ainda não foi **possível** [encontrá-lo]. Mandeí-os que fossem escorar à porta da repartição e também lá não apareceu hoje. Creio que teve aviso. (*O Judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1846, Augusto (2015) p. 59)
- (3) a. Ambrósio: Por quem são, deixem cumprimentos, o senhor **pode** chegar, e não há tempo a perder. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Maricota: O que espero? Não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino **pode** ir para S. Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira. → modalidade epistêmica (*O Judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1846, Augusto (2015) p. 46)

A seguir, ilustramos as estratégias com exemplos da segunda sincronia: os predicadores verbais estão em 4 (a, b), bem como os de predicadores adjetivais (5 a, b) e locuções verbais em 6 (a, b), para o PE e o PB, respectivamente.

- (4) a. O amigo do pai da noiva: Pois é, e até é uma ótima ideia... isto **dava para** [pagar uma semana de férias na Madeira para nós os dois, tudo incluído]! (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- b. Se eu correr, \emptyset_{expl} **dá** [**pr'eu** fazer os dois papéis]. Mas aí, Madalena não ia poder acompanhar a procissão. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 58)
- (5) a. Noivo: Espero bem que seja só desta vez ... Da próxima vez \emptyset_{expl} é bem **capaz** [de ser a Guiana, a Bósnia-Herzegovina, o deserto de Gobi...] (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- b. Dolores: Com a minha experiência, \emptyset_{expl} era bem **capaz** [de eu conseguir o serviço]. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015) p. 59)

(6) O Funcionário da Conservatória: Mas, olha... eu venho cá à tarde, **Ø1_{pp} podemos passar** a tarde na caminha os dois... (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)

b. Nilson: Margareth fala como se **a gente pudesse** comprar a felicidade a quilo.

(*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015) p. 67)

3.2. Estratégias para a expressão da modalidade epistêmica

Como já foi dito nessa Monografia, de acordo com a classificação de Moura Neves (2006), a modalidade epistêmica expressa graus de certeza ou de avaliação de probabilidade pelo falante. Para a modalidade epistêmica, foram recolhidos 40 dados do primeiro período e 32 dados do último período, o que totaliza 72 dados para o PE e 144 levantados por Augusto para o PB. Nas tabelas a seguir, demonstraremos as estratégias para a expressão da modalidade epistêmica no PE (tabela 2a) e no PB (tabela 2b).

Tabela 2a - Estratégias para a expressão da modalidade epistêmica no PE

	PE – Modalidade epistêmica		
Estruturas	Anos 1840	Anos 1990	Total
Predicadores verbais	7 (17,5%)	2 (6,3%)	9 (12,5%)
Predicadores adjetivais	5 (12,5%)	5 (15,6%)	10 (13,9%)
Locuções verbais	28 (70%)	25 (78,1%)	53 (73,6%)
Total	40 (100%)	32 (100%)	72 (100%)

Tabela 2b - Estratégias para a expressão da modalidade epistêmica no PB (Augusto, 2015, p. 55)

	PB – Modalidade epistêmica		
Estruturas	Anos 1840	Anos 1990	Total
Predicadores verbais	8 (14%)	13 (15%)	21 (15%)
Predicadores adjetivais	4 (7%)	4 (5%)	8 (5%)
Locuções verbais	46 (79%)	69 (80%)	115 (80%)

Total	58 (100%)	86 (100%)	144 (100%)
--------------	-----------	-----------	------------

De acordo com os dados das tabelas 2a e 2b, as locuções verbais, como já anunciado nos resultados gerais, são a estratégia de expressão da modalidade epistêmica preferida no PE e no PB, tanto no primeiro quanto no último período. O que diferencia PE e PB é o baixo uso de predicadores verbais com apenas 8 dados, enquanto o PB revela 21 dados nos dois momentos. Quanto aos adjetivais, ambos os períodos revelam poucos dados. Os predicadores verbais que expressam a modalidade epistêmica estão nos itens 7 (a, b), bem como os predicadores adjetivais 8 (a, b) e as locuções verbais 9 (a, b), no PE e PB, respectivamente.¹

- (7) a. O Barão: Conselheiro, quer arruinar o meu comércio, acabar as finanças, destruir o equilíbrio governamental, engordar esse funcionalismo que nos devora, abater a agiotagem – a verdadeira âncora do estado! – \emptyset_{expl} **Basta** [que uma mulher nos sorria com meiguice...] (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. Ambrósio: \emptyset_{expl} **Basta** [que se compre uma caixinha com soldadinhos de chumbo]. (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015) p. 14)
- (8) a. O Funcionário da Conservatória: É no Estoril, ainda é longe e hoje está bom, \emptyset_{expl} é **capaz** [de haver trânsito]... (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- b. Paula: Eu acho que \emptyset_{expl} seria **interessante** [você se aprofundar mais na relação com a Magda]. (*Como encher um biquíni selvagem*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 54)
- (9) a. Ambrósio: Por quem são, deixem cumprimentos, **o senhor pode** chegar, e não há tempo a perder. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Ambrósio: No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. **Todo homem pode** ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 55)

3.2.1. Os predicadores verbais para a expressão da modalidade epistêmica

¹ Os exemplos de (4) a (6) casualmente ilustram, todos eles, a modalidade epistêmica.

Na análise desse grupo, será possível identificar os predicadores verbais mais utilizados pelo PE e pelo PB para a expressão da modalidade epistêmica no primeiro e no último período das peças portuguesas e brasileiras. Para o PE, foram computados apenas 8 dados dessa estratégia para expressar a modalidade epistêmica. Na Tabela 3 abaixo, a distribuição desses dados está descrita:

Tabela 3 - Predicadores verbais para a expressão da modalidade epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 58)

Predicadores verbais	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Bastar	4 (57,5%)	1 (50%)	3 (27%)	-
Convir	3 (42,5%)	-	5 (63%)	-
Dar para	-	1 (50%)	-	13 (100%)
Total	7 (100%)	2 (100%)	8 (100%)	13 (100%)

De acordo com o que está representado na tabela 3, temos, nos anos 1840, dois predicadores verbais para a expressão da modalidade epistêmica no PE – o verbo *bastar* e *convir*. No PB, no mesmo período, foram encontrados os mesmos dois predicadores verbais. Na década de 1990, temos, no PE, dois predicadores verbais para a expressão da modalidade epistêmica: o verbo *bastar* e a construção inovadora *dar pra*, que consiste no uso do verbo *dar*, seguido de uma oração reduzida de infinitivo regida da preposição *para* (ilustrado em 4 (a), com um demonstrativo anafórico na posição do sujeito). Na mesma época, no PB, foram encontradas 13 ocorrências da construção com o predicador verbal *dar para*, e nenhum dos outros predicadores verbais foi utilizado. Essa construção pode ser parafraseada por *É possível* e constitui a única estratégia com um predicador verbal para a expressão da modalidade epistêmica encontrada por Augusto no último período analisado para o PB. A seguir, vemos exemplos dos predicadores verbais *bastar* (10), *convir* (11) e *dar para* 12 (a, b).

- (10) O Conselheiro: Pois frequentando V. Ex.^a! Admira! \emptyset_{expl} **Basta** [ouvi-la e fica-se mestre]. (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)

- (11) Sofia: Pois si, minha tia; porém agora \emptyset_{expl} **convém** [retirar-nos que vem meu tio]. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- (12) a. Dolores: Se eu correr, \emptyset_{expl} **dá [pr'eu** fazer os dois papéis]. Mas aí, Madalena não ia poder acompanhar a procissão. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 58)
- b. Dolores: Já tem trinta e dois ingressos vendidos. Se bobear, a gente ainda fatura algum. (PARA NEIVA) Será que não \emptyset_{expl} **dá [prá** você fazer um esforço], Neiva? (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

Quanto à posição estrutural do sujeito, todos os 9 dados levantados nos dois períodos apresentam um expletivo nulo na posição estrutural do sujeito, exceto 4(a). Não podemos confirmar nossa hipótese, por absoluta falta de dados. É necessário levantamento a partir de mais peças dos anos 1840 e 1990 para o PE nos revelem variação entre o expletivo nulo e o alçamento, atestado na fala semi-espontânea.²

3.2.2. Os predicadores adjetivais para a expressão da modalidade epistêmica

Na tabela 4 a seguir, veremos a distribuição dos predicadores adjetivais encontrados para o PE e PB:

Tabela 4 - Predicadores adjetivais para a expressão da modalidade epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 60)

Predicadores adjetivais	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Possível/Impossível	3 (60%)	1 (20%)	4 (100%)	1 (25%)
Capaz	1 (20%)	4 (80%)	-	2 (50%)
Provável	1 (20%)	-	-	-
Interessante	-	-	-	1 (25%)

² Na língua oral, Duarte (2007, ex. 28b, p. 43) relata casos de alçamento do sujeito da encaixada, como em: **Eles_i** não davam mais [pra **[t]_i** viver juntos (vs \emptyset_{expl} Não dava mais[pra eles viverem juntos]). O dado apontado para o PE, embora expresse uma opinião (ser suficiente), tem características diferentes dos que aparecem no PB. Mais dados serão necessários.

Total	5 (100%)	5 (100%)	4 (100%)	4 (100%)
--------------	----------	----------	----------	----------

No PE, na primeira sincronia, o predicador adjetival *possível/impossível*, apresenta ocorrências do total de 5 dados, uma ocorrência de *capaz* e uma de *provável*. Nos anos 1990, o mais produtivo foi *capaz*, que apresentou 80% dos dados, seguido por uma única ocorrência de *possível/impossível*. No PB, no primeiro período, o uso de *possível/impossível* é a única estratégia atestada na amostra de Augusto (2015), mas, no último, encontramos duas ocorrências de *capaz*; os outros dois utilizados são *interessante* e *possível/impossível*. Em 13 (a, b) temos exemplos dos predicadores adjetivais *possível/impossível*, em (14) *capaz*, e em (15) *provável*:

- (13) a. O Conselheiro: Cousas de arrepiar! Afirmam que aceita a corte ao barão... Será verdade? Um barão novo no título, com uma Marquesa velha... na raça, já se entende, \emptyset_{expl} é **possível** [que possam nunca concordar]? (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. Fabiana: Olha, minha filha, e não tornes a culpa a mim. \emptyset_{expl} É **impossível** [haver em uma casa mais de uma senhora]. Havendo, é tudo confusão... (*Quem casa, quer casa*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015) p. 43)
- (14) a. O Funcionário da Conservatória: Era azul, sim, \emptyset_{expl} era **capaz** [de ser]... era um verde azulado, meio transparente... (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- (15) Alberto: \emptyset_{expl} É **provável** [que seja]; mas vem tarde. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)

A respeito da posição estrutural do sujeito, todos os dados encontrados com predicadores adjetivais para expressar a modalidade epistêmica no PE e no PB apresentam um expletivo nulo. Numa análise que contempla pequena parte da amostra, isso não deve surpreender. É necessário ampliar a amostra, o que será feito durante o mestrado, para verificarmos possíveis alçamentos além de outros adjetivos modais.

3.2.3. Os auxiliares para a expressão da modalidade epistêmica

As locuções verbais compostas por verbos auxiliares, com as mais diferentes funções, como a formação da passiva, dos tempos compostos, a veiculação da categoria “aspecto” (ou duração), são também importantes elementos funcionais na expressão da modalidade epistêmica e, como vimos, a mais produtiva, tanto para o PE quanto para o PB. Nessa seção, analisaremos os verbos auxiliares que veiculam a modalidade epistêmica utilizados nas duas sincronias. A distribuição dos dados computados pode ser vista na tabela 5 abaixo:

Tabela 5 – Os auxiliares na expressão da modalidade epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p 62)

Verbos auxiliares	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Poder	16 (57,1%)	7 (28%)	43 (93%)	46 (67%)
Haver (de)	11 (39,3%)	4 (16%)	-	-
Dever	1 (3,6%)	14 (56%)	3 (7%)	23 (33%)
Total	28 (100%)	25 (100%)	46 (100%)	69 (100%)

No PE, nos anos 1840, foram encontrados três verbos auxiliares: *poder* (o mais frequente, com 59%), *haver*, que é utilizado com a preposição *de*, e *dever*, com 16, 11 e 1 ocorrências, respectivamente. Nos anos 1990, os mesmos 3 auxiliares são utilizados, porém, o verbo *dever*, com apenas uma ocorrência nos anos 1840, supera os demais, seguido por *poder* e *haver de* (claramente indicando opinião do falante). No PB, em ambas as sincronias, atestamos apenas dois auxiliares, *poder* e *dever*. Na primeira sincronia, o verbo *poder* é o mais utilizado, contabilizando 93% dos dados, seguido pelo verbo *dever*. Na última sincronia, o verbo *poder* continua a ser protagonista; no entanto, o verbo *dever* aparece com um número maior de ocorrências – cerca de 33% do total de amostras. Em Augusto (2015), não foram encontrados dados com a construção *haver de* (no sentido de *poder*, *dever*) para expressar a modalidade epistêmica nos dois períodos que estamos consultando para esta comparação. Nos exemplos a seguir, apresentamos exemplos para *poder* e *dever*, em 16 (a, b) e 17 (a, b), para o PE e o PB, respectivamente, e dois com *haver de* com valor de possibilidade em 18 (a, b).

- (16) a. Ambrósio: As botas ao sapateiro? Sim, senhor; estão prontas para domingo: recomendei-lhe courinho de polimento que nem um espelho, e saltinho esbrugado, de

modo que seja necessário maroma para **vossa senhoria poder dar passo**. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)

b. Paulina: De hoje em diante espero que assim será. Não levantarei a voz nesta casa sem vosso consentimento. Não darei uma ordem sem vossa permissão... Enfim, serei uma filha obediente e submissa.

Fabiana: Só assim \emptyset_{1ps} **poderemos viver** juntos. Dá cá um abraço. És uma boa rapariga... Tens um bocadinho de gênio; mas quem não o tem. (*Quem casa, quer casa*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 61)

(17) a. O polícia: Ora, nome do paizinho? Antero Fernandes. Nome da mãezinha? \emptyset_{expl} **Deve ser** o resto... (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)

b. **Minha mãe deve** estar tecendo uma análise, apavorada com o fato de eu gostar do peito da crioula e acabar na cama com um negão. (*Como encher um biquíni selvagem*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 69)

(18) a. Libório: Tudo está pronto, segundo vossa senhoria deseja. Nada há que recear, o Sr. Bijou; já é dos nossos, e \emptyset_{3psi} **há-de ser** uma das testemunhas do consórcio. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)

b. Valério: Nada receie, homem! Se eu vir o caso mal parado, farei airosa retirada. Todavia estou certo que as cousas não chegarão a essa extremidade. Sofia é tímida e acanhada, e uma vez na igreja, verá que $3psi$ **há-de consentir**. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)

Acerca da posição estrutural de sujeito, os verbos temáticos que compõem essa estrutura com auxiliares epistêmicos selecionam sujeitos **referenciais indeterminados**, de referência arbitrária, quando não incluem o falante e nem o interlocutor, ou genérica, quando podem incluir ambos (cf. Marins et al. 2017; Duarte e Marins, 2021), ou os **referenciais definidos**, que se referem às pessoas gramaticais, ou seja, primeira, segunda e terceira, do singular ou do plural (a terceira pessoa do plural inclui sujeitos lexicais). Se o verbo principal da locução é de ligação, como em *poderia ser*, o sujeito será selecionado pelo predicador nominal que segue o verbo de ligação, como em (16); se for um verbo impessoal, como observamos em (15) *deve ser o resto*, o sujeito será um expletivo nulo, único caso na amostra. A seguir, apresentamos exemplos de sujeitos de referência, indeterminada (arbitrária), em 19 (a, b), de referência

indeterminada (genérica) em 20 (a, b) e de referência definida 21 (a, b, c, d), para PE e PB, respectivamente. Observamos que o auxiliar na 3ª pessoa do plural, com o sujeito nulo (eles), selecionado pelo predicador *concordar*, em 19 (a), e por *saber* em 20 (b), excluem o falante (daí a referência arbitrária):

- (19) a. O Conselheiro: Cousas de arrepiar! Afirmam que aceita a corte ao barão... Será verdade? Um barão novo no título, com uma Marquesa velha... na raça, já se entende, é possível que Ø_{arb} **possam** nunca concordar? (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. Faustino: Ah, com que o senhor capitão assusta-se, porque Ø_{arb} **podem** saber que mais de metade dos guardas da companhia pagam para a música!... E quer mandar-me para os Provisórios! Com que escreve cartas, desinquietando a uma filha-família, e quer atrapalhar-me com serviço? Muito bem! Cá tomarei nota. (*O Judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1846, Augusto (2015), p. 66)
- (20) a. A Marquesa: Não! Marquesas: as ondas populares não descem... sobem... engolindo os títulos velhos... em muitos títulos novos! (Com certo orgulho) Mas ficam os nomes. O Conselheiro: Pudera não. Como **nós poderíamos** então diferenciar uns dos outros? (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848).
- b. Nilson: Margareth fala como se **a gente pudesse** comprar a felicidade a quilo. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015) p. 67)

Em (21) a, vemos um sujeito lexical, com o auxiliar numa locução com o verbo de ligação; assim, o sujeito é selecionado pelo predicador nominal ‘prima do chofer’; em (21) b, temos um sujeito nulo de 2ª pessoa do plural, ambos do PE, como mostra a referência da peça. Em (21) c, aparece um sujeito nulo de 1ª pessoa do singular e em (21) d, vemos um sujeito pronominal expreso, também de 2ª pessoa do plural, ambos do PB:

- (21) a. O dono da frutaria: Se calhar é fiado, a limusina... **a noiva deve** ser prima do chofer... é tudo de graça... Não, porquê? Já viram os outros carros que vão atrás, uns carritos de merda? (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)

b. a. O Padre: Meus filhos, começa hoje a parte mais maravilhosa da vossa existência... mas também a mais difícil... Ø_{2pp} **deveis** aprender o significado do perdão... (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)

c. Maricota: Estou conhecida! Ø_{1ps} **Posso** morrer solteira... Um marido é sempre um marido... Meu pai, farei a sua vontade. (*O Judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1846, Augusto (2015), p. 71)

d. Margareth: **Vocês podem** falar o que quiserem. Eu vou no Pathé. A gente começa a melhorar de algum lugar. Não tem tantas histórias de artistas famosas que saíram do nada? (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 68)

A Tabela 6 apresenta o total de dados das referências do sujeito com auxiliares modais veiculando a modalidade epistêmica. Como Augusto não distingue entre os indeterminados os de referência arbitrária e genérica, decidimos mantê-los reunidos sob o rótulo Indeterminados nesta Monografia.

Tabela 6 - Sujeitos indeterminados e de referência definida de locuções verbais no PE e no PB (Augusto, 2015, p.65) - Modalidade Epistêmica

Referência do sujeito	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Indeterminado	5 (18,5%)	5 (20%)	4 (8,9%)	2 (3,1%)
Referência definida	22 (81,5%)	20 (80%)	41 (91,1%)	62 (96,9%)
Total	27 (100%)	25 (100%)	45 (100%)	64 (100%)

3.3. Estratégias para a expressão da modalidade não-epistêmica

Na modalidade não-epistêmica, os dados são mais numerosos. Isso é justificado pelo fato de que, nessa modalidade, há uma quantidade mais ampla de significados que são veiculados, que, nesse caso, são de necessidade, obrigação, permissão, habilidade e capacidade. Nas tabelas 7a e 7b abaixo, apresentaremos a quantidade de estratégias que são utilizadas no primeiro e no último período da modalidade não-epistêmica do PE e do PB.

Tabela 7a - Estratégias para a expressão da modalidade não-epistêmica no PE

	PE – modalidade não-epistêmica		
Estruturas	Anos 1840	Anos 1990	Total
Predicadores verbais	1 (1,4%)	-	1 (0,7%)
Predicadores adjetivais	7 (9,6%)	3 (4,2%)	10 (6,9%)
Locuções Verbais	65 (89%)	69 (95,8%)	134 (92,4%)
Total	73 (100%)	72 (100%)	145 (100%)

Tabela 7b - Estratégias de expressão da modalidade não-epistêmica no PB (Augusto, 2015, p. 78)

	PB – modalidade não-epistêmica		
Estruturas	Anos 1840	Anos 1990	Total
Predicadores verbais	-	2 (1%)	2 (0,5%)
Predicadores adjetivais	24 (23%)	-	24 (9,5%)
Locuções Verbais	80 (77%)	150 (99%)	230 (90%)
Total	104 (100%)	152 (100%)	256 (100%)

A partir das tabelas, é possível perceber que, assim como na modalidade epistêmica, os verbos auxiliares são a estratégia preferida para a expressão da modalidade não-epistêmica. O PE, no primeiro período, conta com 89% dos dados, seguido pelos adjetivais, e, por último, pelos verbais, com apenas uma ocorrência. No último período, a estratégia preferida contabiliza 95,8% dos dados, seguida pelos predicadores adjetivais; não foram encontrados predicadores verbais. No PB, Tabela 7b, na primeira sincronia, os verbos auxiliares contam com 77%, seguidos pelos predicadores adjetivais, com 23%; não há nenhum dado de predicadores verbais.

Na última sincronia, os verbos auxiliares têm 99% dos dados – os predicadores verbais têm 1% (apenas duas ocorrências) e nenhum predicador adjetival. Nos exemplos a seguir, ilustramos os predicadores verbais, adjetivais e verbos auxiliares, do PE e PB, em 22 (a, b), 23 (a, b) e 24 (a, b).

- (22) a. Valério: Qual camarista, nem qual diabo! \emptyset_{expl} **É** [para lhe dar todos esses papéis necessários, e os banhos corridos], porque vou casar com Sofia. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Nilson: Uma hora dessas \emptyset_{expl} **era** [pra ela já estar aqui]. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 80)
- (23) a. Alberto: Bom, mãos à obra, olho vivo, e não esqueça a farda do tio para os apuros. \emptyset_{expl} **É preciso** [que o ginja leve também para o seu tabaco]. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Carlos: Não convém. Pode, por azar, chegar aí a notícia de que o major morreu. \emptyset_{expl} **É preciso** [que seja alguém que nunca tivesse existido]. (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 77)
- (24) a. A Marquesa: Pois bem! Aos trinta e três... descrê do amor, e deseja ser rica. E de mais a mais não acha que uma sobrinha – uma linda sobrinha não **pode casar** com um barão... velho... ele é velho, Conselheiro! (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. Eduardo: Foi um grande mestre da rabeca... Mas aí, que estou a parolar contigo, deixando a trovoada engrossar. Minha mulher está lá dentro com a mãe, e os mexericos fervem... Não tarda muito que as veja em cima de mim. Só tu **podes desviar** a tempestade e dar-me tempo para acabar de compor o meu tremulório... (*Quem casa, quer casa*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 82)

3.3.1. Os predicadores verbais para a expressão da modalidade não-epistêmica

Os predicadores verbais para essa categoria da modalidade foram muito raros para o PE e para o PB. No caso do PE, há apenas um dado do primeiro período, com a construção *ser para*. No caso do PB, segundo Augusto, os dados fazem parte de apenas 1% de toda a amostra

que ela apresenta, e são todos representados pela mesma estrutura do PE. Abaixo, em 25 (a, b), exemplificamos essa estrutura, retomando os exemplos em (22) acima:

- (25) a. Valério: Qual camarista, nem qual diabo! Ø_{expl} **É** [para lhe dar todos esses papéis necessários, e os banhos corridos], porque vou casar com Sofia.
- b. Nilson: Uma hora dessas Ø_{expl} **era** [pra ela já estar aqui]. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 80)

Sendo assim, acerca da posição estrutural de sujeito com predicadores verbais que selecionam um argumento oracional, não podemos fazer qualquer afirmação. Uma análise com um corpus maior, que será feita no mestrado, poderá nos dar respostas acerca da possível redução no uso desse tipo de predicador nos demais períodos.

3.3.2. Os predicadores adjetivais na expressão da modalidade não-epistêmica

A seguir, analisaremos estruturas com predicadores adjetivais na modalidade não-epistêmica, tanto para o PE quanto para o PB. Os dados computados estão presentes na próxima tabela:

Tabela 8 - Predicadores adjetivais para a expressão da modalidade não-epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 81)

Predicadores adjetivais	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Necessário	4 (57%)	-	-	-
Preciso	2 (29%)	3 (100%)	24 (100%)	-
Permitido	1 (14%)	-	-	-
Total	7 (100%)	3 (100%)	24 (100%)	-

Para o PE, nos anos 1840, 3 predicadores verbais foram utilizados para expressar a modalidade não-epistêmica: *necessário*, contabilizando 57% dos dados, seguido por *preciso*, e, por último, *permitido*. Nos anos 1990, há apenas um predicador adjetival, *preciso*. Para o PB, só encontramos o predicador *preciso* (24 ocorrências). No último período, não há ocorrência de predicadores adjetivais. A seguir, exemplificamos os predicadores *necessário*, *preciso* e *permitido*, em (26), 27 (a, b) e (28).

- (26) Mariana: Pois \emptyset_{expl} é **necessário** [saber escrever para ser barão? (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- (27) a. Alberto: Bom, mãos à obra, olho vivo, e não esqueça a farda do tio para os apuros. \emptyset_{expl} É **preciso** [que o ginja leve também para o seu tabaco. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Maricota: Oh, que tola! Pois \emptyset_{expl} é **preciso** [conhecer-se a pessoa a quem se namora? (*O Judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1846, Augusto (2015), p. 80)
- (28) Bijou: Pois quê, \emptyset_{expl} não me é permitido [pagar os meus respeitos às damas? Em França, as senhoras de bom tom recebem os cavalheiros nas suas *toilettes*. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)

Como exemplificado pelos exemplos acima, todas as ocorrências de predicadores adjetivais do PE contam com um expletivo nulo na posição estrutural de sujeito. Como já foi dito nessa Monografia, para fazermos qualquer afirmação acerca do uso de adjetivos modais, precisamos analisar um *corpus* mais extenso, composto por mais peças que estejam dentro das duas sincronias aqui estudadas.

3.3.3. Os auxiliares na expressão da modalidade não-epistêmica

Nessa seção, analisaremos os verbos auxiliares que veiculam a modalidade não-epistêmica utilizados nas duas sincronias, sempre contrastivamente entre o PE e o PB. A distribuição dos dados computados pode ser vista na tabela 7 abaixo:

Tabela 9 - Os auxiliares na expressão da modalidade não-epistêmica em peças portuguesas e brasileiras (Augusto, 2015, p. 84)

Verbos auxiliares	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Haver (de)	24 (36,9%)	5 (6,3%)	-	-
Poder	20 (30,8%)	28 (35,4%)	51 (63%)	48 (32%)
Dever	8 (12,3%)	10 (12,7%)	16 (20%)	21 (14%)

Saber	7 (10,8%)	1 (1,3%)	-	-
Ter de/que	6 (9,2%)	25 (31,6%)	10 (13%)	58 (39%)
Precisar	-	-	3 (4%)	23 (15%)
Total	65 (100%)	69 (100%)	80 (100%)	150 (100%)

No PE, no primeiro período, o verbo *haver de* é o auxiliar mais utilizado para a expressão da modalidade não-epistêmica, com 36,9% dos dados, seguido por *poder*, *dever*, *saber*, que expressa habilidade, e, por último, *ter de*. No último período, *poder* é o mais utilizado, com 35,4%, seguido por *ter de*, *dever*, *haver de* e *saber*, nessa ordem. No PB, nos anos 1840, *poder* é o auxiliar mais produtivo, com 63% dos dados, seguido por *dever*, *ter que* e, por último, *precisar*. Nos anos 1990, *ter que* é o mais utilizado, com cerca de 39% dos dados, seguido por *poder*, *precisar* e *dever*. É importante mencionar que há uma diferença entre o PE e o PB para o uso de *ter de/que*: para o primeiro, utiliza-se a preposição *de*; para o segundo, utiliza-se o *que* com o mesmo valor de uma preposição. Nos exemplos a seguir, estarão ilustrados: *haver de*, no PE, em (29); *poder* e *dever*, no PE e no PB, em 30 (a, b) e 31 (a, b); *saber*³ em (32); *ter que/de*, em 33 (a, b); e, por último, *precisar*, em (34).

- (29) O Conselheiro: Hein, Que tal? Fazer a corte a um barão? Sem dinheiro... E a sobrinha? Deveras, não desgosto da sobrinha... lá me vou arriscar pela sobrinha! Vou tudo! Tudo por ela. Mas como \emptyset_{1ps} **hei-de** começar? (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- (30) a. Ambrósio: Eu ouvi há pouco que falavam na rabugice... e na toleima de..., mas não \emptyset_{1ps} **posso** dizer se a alusão era relativa a vossa senhoria, ou ao senhor seu sobrinho. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Maricota – E por que não, se ele quiser? Os oficiais dos Permanentes têm bom soldo. \emptyset_{2ps} **Podes** te rir. (*O judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1846, Augusto (2015), p. 48)

³ É possível que Augusto não tenha incluído o verbo *saber* entre os auxiliares não epistêmicos, indicando capacidade, habilidade. A autora vai colaborar com a nossa metodologia e análise contrastiva.

- (31) a. A Marquesa: Convinha-me o barão... Quando **uma senhora_i** pode amar, e deseja ainda viver no mundo... \emptyset_{3ps} **deve escolher** um barão – porque... o Conselheiro bem sabe o porquê! (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. Fabiana: Ai que estalo! Isto assim não vai longe... Duas senhoras a mandarem em uma casa... é o inferno! Duas senhoras? A senhora aqui sou eu; esta casa é de meu marido, [e **ela deve obedecer-me**], porque é minha nora. Quer também dar ordens; isso veremos... (*Quem casa, quer casa*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 96)
- (32) A Marquesa: Que resposta deu **o barão_i** à minha carta?
 Mariana: Mandou dizer que não faltaria ao convite de V. Ex.^a
 A Marquesa: É um desastrado. Parece que não \emptyset_{3psi} **sabe escrever**. (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- (33) a. O Funcionário da Conservatória: É dia 8 de Abril e **eu tenho de me ir** embora depressa casar umas pessoas aos Salesianos do Estoril e é a primeira vez que estou investido destas funções e não queria meter o pé na argola. (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- b. Crioula: Eu já disse: Dona Paula, abre o olho que essa menina tá fumando erva no quarto. Mas **ela_i** disse que \emptyset_{3psi} **tem que respeitar** a intimidade da filha. Eu criei, mas sou empregada, né? Não posso falar nada. (*Como encher um biquíni selvagem*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 97)
- (34) Dulce: Não, eu entendo, eu entendo. Mas a senhora **precisa entender** que a solidão não é uma exclusividade sua. A senhora **precisa sair** mais, conhecer gente nova! (*Como encher um biquíni selvagem*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 83)

Assim como na modalidade epistêmica, também analisamos o tipo de referência do sujeito ou **indeterminado**, podendo ser arbitrário ou genérico, ou de **referência definida**, correspondendo às pessoas gramaticais. Nos exemplos a seguir, ilustramos exemplos de sujeitos de referência indeterminada (arbitrária), em 35 (a, b); de referência indeterminada (genérica) em 36 (a, b); e de referência definida em 37 (a, b), para PE e PB, respectivamente.

- (35) a. Frederico: \emptyset_{expl} **Tiveram** que arrastar o homem para longe, que ela esganava-o com os nervos! (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- b. Holly: Há anos que aqueles anões horrorosos vêm atirando madrastas do penhasco. **Eles deveriam** ensinar amor às crianças. Já tem ódio demais no mundo! (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 89)
- (36) a. Valério: Ótima lembrança! E digam lá esses detractores de tudo o que é bom, que os regedores de paróquia não prestam! Eu por mim, com quanto não goste de modernismos e das inovações, digo, que estas pequenas autoridades são paternais, e um excelente arremedo dos nossos óptimos escrivães da inconfidência. São gente com que **se pode contar**. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Melanie: Tem uma outra técnica, que é muito usada, hoje em dia. O segredo é não se importar. Se você não se importar, você acaba dormindo. Mas **você precisa não se importar** de verdade. (*Como encher um biquíni selvagem*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 50)
- (37) a. O Barão: $\emptyset_{1\text{ps}}$ **Saberei abrandá-lo!** Saberei abrandá-lo! Há acções que os penhoram muito... que os resolvem a tudo... as acções beneficiárias sobretudo. (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848).
- b. Jorge: Sinto o trabalho que tiveram... E como não é mais preciso, $\emptyset_{2\text{pp}}$ **podem-se retirar**. (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 91)

A Tabela 10, disponibilizada a seguir, apresenta o total de dados de sujeitos referenciais com auxiliares modais veiculando a modalidade não-epistêmica. Como já foi dito nessa Monografia, os sujeitos de referência arbitrária e genérica estão reunidos sob o rótulo de indeterminados.

Tabela 10 - Tipo de referência do sujeito no PE e no PB (Augusto, 2015, p.86) –
Modalidade Não-epistêmica

Referência do sujeito	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
Indeterminados	3 (4,7%)	4 (5,8%)	3 (3,8%)	10 (6,7%)

Referência definida	62 (95,3%)	65 (94,2%)	77 (96,2%)	140 (93,3%)
Total	65 (100%)	69 (100%)	80 (100%)	150 (100%)

3.4. Sobre a realização dos sujeitos referenciais

Nessa Monografia, separamos a análise da modalidade em epistêmica e não-epistêmica, de maneira que analisamos os predicadores verbais, adjetivais e os verbos auxiliares para expressar os dois tipos de modalidade. Agora, analisaremos a realização dos sujeitos referenciais, que podem ser de primeira, segunda e terceira pessoa, do singular e do plural, além dos SN lexicais. A forma de realização dos sujeitos pronominais pode ser nula ou expressa. Na tabela a seguir, distribuímos os dados das formas de realização dos sujeitos referenciais (os sujeitos lexicais incluem formas nominais de tratamento e não aparecem como categorias vazias nos nossos dados em orações subordinadas com correferência).

Antes de apresentar os resultados, vejamos alguns exemplos que ilustram: sujeitos de primeira pessoa nulos e expressos em 38 (a, b, c, d), de segunda pessoa nulos e expressos em 39 (a, b, c, d), de terceira pessoa nulos e expressos em 40 (a, b, c, d) e lexicais em 41 (a, b), para o PE e o PB.

- (38) a. Ambrósio: Não, senhor: queria só que vossa senhoria atendesse que um criado não é um escravo, e que conservasse o seu lugar de amo, para **eu poder tomar** o de criado. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- b. Ambrósio: Eu ouvi há pouco que falavam na rabugice... e na toleima de..., mas não **Ø_{Ips} posso dizer** se a alusão era relativa a vossa senhoria, ou ao senhor seu sobrinho. (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)
- c. Margareth: Não interessa. Eu vou lá e pronto! Se o seu Oscar deixar, **eu posso** até **vender** na bombonière. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 71)
- d. Fabiana: Só assim **Ø_{Ips} poderemos viver** juntos. Dá cá um abraço. És uma boa rapariga... Tens um bocadinho de gênio; mas quem não o tem. (*Quem casa, quer casa*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 61)
- (39) a. Valério: Por que razão me **hás-de tu fazer** zangar, diabo? (*Uma cena de nossos dias*, Paulo Midosi, 1843)

- b. O Funcionário da Conservatória: Vá lá, só um bocadinho, mas \emptyset_{2ps} não me **podes amarrotar** muito, estás a ouvir? (*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- c. Dolores: Psiu... que besteira é essa... **tu pode arrumar** um homem tão melhor. Chora, não, Margareth. Não vale o esforço. (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 15)
- d. Eduardo, tocando sempre com entusiasmo: Sublime! Sublime! Bravo! Bravo! Fabiana, batendo com o pé, raivosa: Irra! Eduardo, deixando de tocar: Acabou-se. Agora \emptyset_{2ps} **pode falar**. (*Quem casa, quer casa*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015) p. 36)
- (40) a. O Barão: Mas **saberá ela compreender** o que sinto? (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- b. A Marquesa: Convinha-me o barão... Quando **uma senhora_i** já não pode amar, e deseja ainda viver no mundo... \emptyset_{3psi} **deve escolher** um barão – porque... o Conselheiro bem sabe o porquê! (*Casar ou meter freira*, Antônio Pedro de Mendonça, 1848)
- c. **Este_i** para poeta ou escritor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes cousas, \emptyset_{3psi} mas não **pode seguir** a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria, no Brasil... (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 96)
- d. Neiva: Por mim, **ele podia sumir** que eu já nem ligava mais. O problema é a menina. Que é que eu vou fazer com a menina? (*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, Augusto (2015), p. 73)
- (41) a. Frederico: Que belos jardins! **As fotografias devem ter ficado** boas... ((*A vingança de Antero ou a boda deslumbrante*, Luísa Costa Gomes, 1996)
- b. Ambrósio: No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. **Todo homem pode ser** rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. (*O noviço*, Martins Pena, 1845, Augusto (2015), p. 55)

Vejamos os resultados para o PE e PB na Tabela a seguir.

Tabela 11 - Formas de realização dos sujeitos referenciais no PE e no PB (Augusto, 2015, p. 70) - modalidade epistêmica e não epistêmica

Sujeitos nulos (vs. expressos)

Realização dos sujeitos referenciais	PE		PB	
	Anos 1840	Anos 1990	Anos 1840	Anos 1990
1ª pessoa (eu/nós)	28/32 (87,5%)	39/45 (86,7%)	32/49 (65,3%)	18/83 (21,6%)
2ª pessoa (tu-você/vós-vocês)	1/2 (50%)	5/5 (100%)	13/14 (92,8%)	10/42 (23,8%)
3ª pessoa (ele(s)/ela(s))	41/47 (87,2%)	38/41 (92,7%)	7/11 (63,6%)	15/34 (44,1%)
Lexicais	11	3	35	39
Total	92	94	109	198

A partir dos dados da tabela, vemos que os sujeitos referenciais nos dados com auxiliares revelam no PE uma quantidade maior de sujeitos nulos, nos dois períodos analisados, confirmando nossa hipótese de que o PE é uma gramática de sujeitos nulos consistente. No PB, por outro lado, vemos uma mudança esperada: o PB dos anos 1840 revela a norma lusitana, atestada em inúmeros trabalhos contrastivos, que têm mostrado a adoção da norma lusitana que não segue a gramática que se desenvolvia no Brasil desde a colonização, pois, como dito em Houaiss (1988, p.131):

(...) nos albos do século XIX, afinal de contas, para 3,5-4 milhões de habitantes, não haveria mais de 18-20 mil (0,5%) letrados, que constituíam parte da classe dirigente e dominante, e parte dos “assessores” intelectuais dessa classe (...). O analfabetismo ainda grassava entre senhores da terra e seus familiares.

Na última sincronia, vemos uma gramática muito próxima do PB oral, com 21%, 23% e 44% de sujeitos nulos para a 1ª, 2ª e 3ª pessoas, respectivamente. Como mostram os trabalhos de Duarte (1993) para as peças de teatro brasileiras, o sujeito nulo de 3ª pessoa é o mais resistente, particularmente com sujeitos com o traço [- humano] e com um sujeito que tenha seu antecedente na função de sujeito da principal. A análise de Mourão (2015), que compara a realização do sujeito referencial de Duarte (1993) com as peças portuguesas, mostra resultados semelhantes, com preferência pelos sujeitos nulos no PE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este pequeno trabalho procurou analisar as estratégias para a expressão da Modalidade, estabelecendo uma análise contrastiva entre o PE-PB, a partir da análise feita por Augusto (2015). Nosso *corpus* é composto por peças portuguesas nos dois períodos-limite da amostra de peças brasileiras, ou seja, anos 1840 e 1990. Nosso embasamento teórico é a união da Teoria da Variação e da Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) com a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981).

Assim, analisamos três estratégias para a expressão da modalidade: os predicadores verbais e adjetivais, que selecionam um argumento oracional permitindo um sujeito expletivo nulo na posição estrutural do sujeito da oração principal, e locuções verbais com verbos auxiliares que concordam com os sujeitos selecionados pelos verbos temáticos que compõem a locução; caso o último verbo sejam um verbo de ligação, o predicador nominal será o responsável pela seleção do argumento-sujeito, como em “eles **devem** ser ricos”. Uma de nossas hipóteses assumia que o PE preferiria estruturas que permitiam os sujeitos expletivos nulos, ou seja, os predicadores verbais e adjetivais; porém, ela não se confirmou, já que as estratégias com predicadores verbais (4,6% das ocorrências totais) e adjetivais (9,2% das ocorrências totais) são pouco frequentes e se comportam como as do PB. As estratégias mais frequentes para a expressão da Modalidade foram os verbos auxiliares, com 86,2% das ocorrências totais, resultado que aproxima PE e PB, embora o elenco de auxiliares apresente pequenas diferenças.

Finalmente, quanto à representação do sujeito em locuções verbais, pudemos comparar nossa hipótese levantada para o PE nos dois períodos, e vimos, assim como em outras análises que foram citadas durante o nosso trabalho, que o PE tem o comportamento de uma língua de sujeito nulo, pois apresentou percentuais significativos, nas duas sincronias, desse tipo de realização de sujeito (cf. Tabela 11). Os resultados de Augusto confirmam o que as análises têm mostrado sobre o PB; no século XIX, o PB reproduz a norma lusitana seguindo as informações sócio-históricas presentes na nossa Monografia, como o fato de percentual de brasileiros letrados correspondia a uma parcela mínima da população afortunada: 0,5% da população brasileira em inícios do século XIX era letrada. No final do século XX, ao contrário, a análise de Augusto mostra o afastamento entre PE e PB, uma vez que o PB se apresenta como uma língua com altos índices de sujeito pronominal expresso. Isso significa que, enquanto o PE se mantém uma língua [+ Sujeito Nulo], os autores brasileiros abandonam o modelo lusitano e

revelam uma gramática [-Sujeito Nulo], que já devia estar se desenvolvendo muito antes, ao longo da colonização.

Por último, é importante dizer que esse é apenas um estudo inicial, que reconhecemos que o *corpus* é pequeno, e que pretendemos ampliá-lo na minha Dissertação de Mestrado, revendo cuidadosamente a análise de Augusto e em todos os 7 períodos e apresentando uma análise comparativa inédita dos 7 períodos das peças portuguesas no que diz respeito às estratégias de expressão da Modalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO, Evelin Azambuja. **A expressão da modalidade em peças cariocas: uma análise diacrônica**. 2015. Dissertação (Mestrado). UFRJ, Rio de Janeiro.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP, 1993, p. 107- 128.
- DUARTE, M. E. L. **Reestruturação na expressão da modalidade deôntica e epistêmica**. UFRJ. Não publicado. 2007.
- DUARTE, M. E. L. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. In: **Revista Linguística** – Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 89-115, 2007.
- DUARTE, M. E. L.; MARINS, J. E. Português brasileiro: língua de sujeito nulo 'parcial'?. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, p. 1-21, 2021.
- HOUAISS, Antônio. **O Português no Brasil**. Rio de Janeiro: Unibrade, 1988 [1985], 2ª. Ed.
- LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Ed. Nacional/EDUSP, 1979.
- MARINS, Juliana; DA SILVA, Humberto Soares; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Revisiting Duarte (1995): for a Gradient Analysis of Indeterminate Subject in Brazilian Portuguese. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. Especial, n. Revista 19, p. 141-172, 2017.
- MOURÃO, Gabriela C. **O Sujeito pronominal em peças portuguesas: uma análise diacrônica**. Dissertação de mestrado, UFRJ. 2015.
- NEVES, M. Helena de Moura. Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalização na linguagem. In: NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. Ed. Contexto, 2006, p. 151- 221.
- OLIVEIRA, Fátima; MENDES, Amália. Modalidade. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; NASCIMENTO, M.^a F. Bacelar; MOTA, M.^a A. Coelho; CRUZ, Luísa Segura; MENDES, Amália (orgs.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013
- OLIVEIRA, Fátima. Modalidade e Modo. In: MATEUS et alii (orgs.) **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho Ed. 243-274. 2003.
- PALMER, Frank R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- ROBERTS, Ian; HOLMBERG, Anders. Introduction: parameters in minimalist theory. In BIBERAUER, T. *et al.* **Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory**. Cambridge: CUP, 2010, p. 1-57.
- SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb-X Programs**, University of Toronto, Canada, 2005.
- SCHERRE, M. Marta P.; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-178.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (Tradução de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola. 2006 [1968].